

Pandemia de COVID-19 e o impactos no desenvolvimento dos estudantes do ensino fundamental

COVID-19 pandemic and the impacts on the development of elementary school students

Pandemia de COVID-19 y los impactos en el desarrollo de los estudiantes de la educación primaria

DOI:10.34119/bjhrv8n1-273

Submitted: Dec 31st, 2024

Approved: Jan 21st, 2025

Gabriel Grabowski

Doutor em Educação

Instituição: Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(FACED -UFRGS)

Endereço: Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

E-mail: gabrielg@feevale.br

João Pedro Roriz

Mestre em Psicologia

Instituição: Universidade FEEVALE

Endereço: Capela de Santana, Rio Grande do Sul, Brasil

E-mail: jproriz@gmail.com

RESUMO

A pandemia da COVID-19 trouxe profundas transformações ao cenário educacional global, exigindo adaptações rápidas e significativas nos modelos de ensino. O ensino presencial foi transferido abruptamente para a modalidade virtual (remota), gerando desafios e dificuldades de adaptação tanto para professores quanto para estudantes. Essa mudança intensificou debates sobre a eficácia dos métodos de ensino tradicionais e a necessidade de repensar práticas pedagógicas para se adequar a novas realidades. O objetivo geral deste artigo é analisar criticamente os impactos e desafios gerados pela transição para o ensino remoto durante a pandemia, com ênfase no desenvolvimento dos estudantes e nas implicações para o processo educacional. Especificamente, busca-se identificar as principais consequências dessa mudança para o ensino fundamental, discutir os efeitos sociais e psicológicos observados nos alunos e avaliar as adaptações necessárias para enfrentar essas dificuldades. A pergunta que orienta a pesquisa é: quais foram os principais impactos da transição do ensino presencial para o ensino remoto durante a pandemia e como eles influenciaram o desenvolvimento dos estudantes do ensino fundamental? A metodologia adotada é a revisão bibliográfica, com análise de estudos e documentos relevantes sobre o tema. A pesquisa revela que o distanciamento social e a implementação do ensino remoto provocaram uma transformação sem precedentes na educação básica, acarretando impactos significativos no desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos. Os resultados mostram que as dificuldades de adaptação resultaram em desafios como a falta de interação social e dificuldades no acesso a recursos tecnológicos. Conclui-se que é necessário refletir profundamente sobre políticas públicas voltadas à educação básica e sobre a

revisão dos modelos pedagógicos para enfrentar as transformações sociais e ambientais impostas por crises como a pandemia.

Palavras-chave: COVID-19, isolamento social, educação, desenvolvimento cognitivo.

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic brought profound transformations to the global educational landscape, requiring rapid and significant adaptations in teaching models. Face-to-face learning was abruptly shifted to the virtual (remote) modality, creating challenges and difficulties in adaptation for both teachers and students. This change intensified debates about the effectiveness of traditional teaching methods and the need to rethink pedagogical practices to suit new realities. The general objective of this article is to critically analyze the impacts and challenges posed by the transition to remote learning during the pandemic, focusing on student development and the implications for the educational process. Specifically, it seeks to identify the main consequences of this shift for elementary education, discuss the social and psychological effects observed in students, and evaluate the necessary adaptations to address these difficulties. The guiding research question is: what were the main impacts of the transition from face-to-face to remote learning during the pandemic, and how did they influence the development of elementary school students? The methodology used is a bibliographic review, analyzing relevant studies and documents on the topic. The research reveals that social distancing and the implementation of remote learning led to an unprecedented transformation in basic education, causing significant impacts on students' cognitive and emotional development. The results show that adaptation difficulties resulted in challenges such as lack of social interaction and limited access to technological resources. It concludes that there is a need for deep reflection on public policies aimed at basic education and a revision of pedagogical models to address the social and environmental changes imposed by crises like the pandemic.

Keywords: COVID-19, social isolation, education, cognitive development.

RESUMEN

La pandemia de COVID-19 ha provocado profundos cambios en el panorama educativo mundial, exigiendo rápidas y significativas adaptaciones en los modelos de enseñanza. La enseñanza presencial se trasladó bruscamente a la modalidad virtual (a distancia), generando retos y dificultades de adaptación tanto para profesores como para alumnos. Este cambio ha intensificado los debates sobre la eficacia de los métodos tradicionales de enseñanza y la necesidad de replantear las prácticas pedagógicas para adaptarse a las nuevas realidades. El objetivo general de este artículo es analizar críticamente los impactos y desafíos generados por la transición a la enseñanza a distancia durante la pandemia, con énfasis en el desarrollo de los estudiantes y las implicaciones para el proceso educativo. Específicamente, busca identificar las principales consecuencias de ese cambio para la enseñanza primaria, discutir los efectos sociales y psicológicos observados en los alumnos y evaluar las adaptaciones necesarias para enfrentar esas dificultades. La pregunta que guía la investigación es: ¿cuáles fueron los principales impactos de la transición de la enseñanza presencial a la enseñanza a distancia durante la pandemia y cómo influyeron en el desarrollo de los alumnos de primaria? La metodología adoptada es una revisión bibliográfica, analizando estudios y documentos relevantes sobre el tema. La investigación revela que el distanciamiento social y la implementación de la enseñanza a distancia provocaron una transformación sin precedentes en la educación básica, con impactos significativos en el desarrollo cognitivo y emocional de los alumnos. Los resultados muestran que las dificultades de adaptación se han traducido en retos

como la falta de interacción social y las dificultades de acceso a los recursos tecnológicos. Se concluye que es necesario reflexionar profundamente sobre las políticas públicas dirigidas a la educación básica y sobre la revisión de los modelos pedagógicos para enfrentar las transformaciones sociales y ambientales impuestas por crisis como la pandemia.

Palabras clave: COVID-19, aislamiento social, educación, desarrollo cognitivo.

1 INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, os primeiros registros sobre uma grave pneumonia foram feitos na cidade de Wuhan, na China. Essa situação foi descrita pela Organização Mundial da Saúde (OMS), inicialmente, como uma emergência de importância internacional, mas em 11 de março de 2020, após 4 mil mortes no mundo e um cenário de descontrole da taxa de transmissão da doença, a instituição anunciou o estado de pandemia de COVID-19 (Crespo; Borges, 2020; Harari, 2020; Deslandes; Coutinho, 2020).

Ficou provado pela comunidade científica internacional, logo no começo da pandemia, que crianças e adolescentes apresentavam baixo risco de infecção por COVID-19. Porém, 50% das crianças e 70% dos jovens no Brasil vivem com pessoas que pertencem a algum grupo de risco. Esses fatos indicavam que escolas, universidades e transportes públicos se transformariam em possíveis centros de transmissão de corona vírus, o que foi determinante para o fechamento das instituições de ensino enquanto uma das estratégias de distanciamento social (Crespo; Borges, 2020).

Com advento da pandemia, os atuais modelos de aprendizagem que já sofriam muitas formas de crítica e de apelos por mudanças – devido à sua metodologia tradicional, ou bancária (Freire, 2014) – foram transferidas da modalidade presencial para a modalidade virtual (remota), o que gerou inúmeras situações de inadaptabilidade, dissociação, descontentamento e rupturas – tanto por parte dos alunos, quanto por parte das instituições de ensino, públicas ou privadas (Crespo; Borges, 2020; Deslandes; Coutinho, 2020; Frigotto, 2021; Neri, 2022).

No Brasil, o índice de evasão escolar passou de 1,3 milhões observados antes da pandemia para 4 milhões em março de 2020. Dezesete por cento (17%) dos alunos matriculados na rede pública de ensino abandonaram a escola no Brasil. Desses, cinquenta por cento (50%) saíram da escola para trabalhar por conta da situação social vivida pela família durante a pandemia. Quarenta e seis por cento (46%) dos alunos declararam se sentir despreparados com o estudo remoto durante a pandemia. Trinta e cinco por cento (35%)

desenvolveram alguma dificuldade emocional e trinta por cento (30%) desenvolveram pensamentos negativos e depressão (Unicef, 2021).

Esse impacto também foi observado na forma como as crianças e os adolescentes se relacionam com seus estudos no dia a dia. Esse cenário se tornou inusitado para uma nova geração de alunos e para seus cuidadores e professores. A taxa de evasão demonstrou um retrocesso social, pois se igualou ao nível que se observava no país há 14 anos, reflexo da falta de confiança dos alunos da Rede Pública no sistema de educação durante o período de distanciamento social (Neri, 2022).

É a educação que garante a transmissão e construção dos conhecimentos sobre a humanidade. A ciência e o espírito crítico ainda que indispensáveis para a sociedade burguesa, é geradora de desconfianças, pois ao mesmo tempo que a ciência traz noções cardeais, ela empodera e dignifica. É papel do Estado identificar esses princípios e regulá-los (Durkheim, 2014). O colapso do sistema de ensino, ou a falta de políticas públicas na área da Educação poderá se constituir em uma barreira para que as classes trabalhadoras possam obter os meios necessários para a superação de uma organização que a aliena (Neves, 2005; Freire, 1996).

Neste contexto complexo e desafiador, é fundamental examinar as implicações cognitivas e emocionais do distanciamento social sobre crianças e adolescentes, assim, este artigo busca analisar criticamente a literatura disponível para compreender impactos e desafios no desenvolvimento dos estudantes e suas consequências para o processo educacional. Para isso, torna-se mister fornecer insights que possam informar políticas e práticas educacionais futuras e assim garantir uma educação equitativa e inclusiva para todas as crianças e jovens, independentemente das circunstâncias externas que possam surgir.

Em consideração aos dados citados acima, este estudo buscou identificar novos fatores psicológicos e sociais introduzidos pela pandemia capazes de promover impactos no desenvolvimento de estudantes regulares. O objetivo deste estudo foi definir, a partir da literatura vigente, disfuncionalidades cognitivas e os impactos sociais e psicológicos causadas pelo distanciamento social entre 2020 e 2021 em crianças e adolescentes do ensino fundamental.

2 METODOLOGIA

O presente artigo é o resultado da dissertação de mestrado acadêmico em Psicologia construído por meio de uma abordagem qualitativa que incluiu pesquisa bibliográfica, documental e análise quantitativa, além de entrevista a professores do Vale do Caí - RS. A

coleta do referencial teórico e bibliográfico foi realizada por meio de artigos, teses, livros e revistas indexadas na plataforma CAFE dos periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), buscas com temas através das palavras chaves, assim como em matérias e documentos oficiais de Organizações Governamentais no período entre abril de 2022 a setembro de 2023. Com base no problema de pesquisa e nos objetivos da dissertação, procedeu-se um estudo de análise de conteúdo composto por três fases: a primeira, pré-análise que consiste na organização, seleção dos documentos e formulação das hipóteses que orientam a interpretação final, a segunda fase que é a mais extensa, consistiu na exploração dos materiais selecionados, e, por fim, a terceira fase em que ocorreu a interpretação dos resultados obtidos e comparação com o material de entrevista adquirido junto aos professores (Bardin, 2016).

Como resultado da fase de pesquisa bibliográfica e interpretação dos dados obtidos, foco deste artigo, foram indicados quatro eixos centrais de discussão sobre a temática principal, que estão divididos da seguinte maneira: a) Educação remota durante a pandemia e suas consequências, b) Impactos do distanciamento social no desenvolvimento global de estudantes do ensino fundamental, c) Relação entre a pandemia e transtornos de aprendizado no ensino fundamental e d) Sentido e significado do trabalho docente em tempos de pandemia.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 EDUCAÇÃO REMOTA DURANTE A PANDEMIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Com o advento da pandemia e do distanciamento social, a Educação como se conhecia há 150 anos, acabou. A Era Eletrônica alcançou os professores e mediou sua relação com os alunos. As consequências desse fenômeno extremo e imediato causou consequências na forma como os alunos e professores conduzem juntos o seu laço afetivo capaz de construir a aprendizagem (Nóvoa; Alvim, 2021). Esse fenômeno que causou essa antecipação do amanhã se equivale com a sensação experimentada pelos franceses na alvorada da primeira das grandes ondas revolucionárias que marcaram a passagem entre o mundo moderno e contemporâneo (Nóvoa; Alvim, 2021).

A vida durante a pandemia se tornou dificultada para aqueles que ficaram à margem da tecnologia. Esse quadro é percebido mesmo antes da pandemia, quando os fenômenos da inteligência artificial tornaram as relações rápidas e as formas de recompensa imediatas, o que causa expectativa distorcida a respeito da natureza e das relações sociais (Sousa; Magalhães, 2021).

A lógica do micropoder dos indivíduos – principalmente entre os nativos da era digital – é estimulada pela ideia de que o computador e o automatismo elevam a qualidade do cidadão. A partir das campanhas de vacinação em massa e a consequente volta dos alunos ao contexto de relações sociais presenciais na escola, com a decorrente aprendizagem analógica (feita com caneta e papel), houve necessidade de readaptação dos alunos a esta nova/antiga realidade, muitas vezes compreendida pelos jovens como uma volta ao passado, ou mesmo uma volta para um lugar onde o prazer não pode ser conseguido com alguns cliques. A volta às aulas, seria, para um grupo mal-acostumado a essas novas/antigas formas de se relacionar, a volta ao lugar analógico, desprazeroso e constituído de desafios excruciantes (Sousa; Magalhães, 2021).

O Patrono da Educação brasileira, Paulo Freire (1979) lembra que a criança precisa estar atualizada sobre o contexto social em que está inserida, para que possa, ela mesma, interpretar, reelaborar e contribuir com essa realidade à sua maneira. Para tanto, é correto imaginar que o professor também precisa estar imbuído deste sentido de realidade. No contexto de pandemia e de distanciamento social, é possível que essa realidade tenha sido produzida a partir de projeções pessoais e individuais, isto é, narcísica, incitadas pelos algoritmos das redes sociais que saciam o desejo do internauta, em um ambiente onde não há espaço para a convivência com o dissonante, com o múltiplo ou com o plural; que, portanto, não possibilita a disputas ou o diálogo, apenas reflexos do próprio eu (Han, 2022; Harari, 2020).

Freire (1996) esclarece ainda que a escola permite o contato entre as gerações e precisa catalisar o conhecimento pretérito das crianças e aproveitá-los no aprendizado. Logo, as experiências vividas pelas crianças no contexto do distanciamento social precisariam ser igualmente contextualizadas e compreendidas pelo professor e pela instituição de ensino ao invés de serem ignoradas ou evitadas. Neste sentido, é imperioso indagar se a escola do hoje estaria preparada para coadunar experiências individualizadas pela condição pandêmica e oportunizar debates coletivos e produtivos.

A Educação remota mostrou ser a única alternativa para o distanciamento social decorrente da pandemia de corona vírus, o que colocou em xeque a proposta de equidade educacional proposta pelo Estado. Observou-se que a continuidade da educação foi proposta para algumas comunidades escolares e negadas a outras, o que contribuiu para a manutenção ou piora dos déficits de aprendizado a partir de uma quebra de contrato entre a escola e o alunado mais pobre e especializado (Laguna et al., 2021).

O aprendizado depende de um contrato entre quem ensina e quem aprende, regulado pelo Estado (Durkheim, 2014) em um projeto sistemático constituído de especialidades e empreendimentos que dependem de experiência e prática. O que se observou durante o período

em que o aluno teve aulas remotamente através das telas do celular ou de computadores, foi que os pais ou responsáveis se viram obrigados a executar um papel de ensinantes, da qual grande maioria sequer possuía capacidade de exercer (Silva; Abreu; Melo, 2022; Laguna, 2021).

O período da pandemia foi desastroso para a Educação no sentido do desmonte das políticas educacionais, por estar sob “a pior gestão na história do MEC”, por falta de investimento e de um “efetivo regime de colaboração entre os sistemas de ensino”, o que acentuou ainda mais a disparidade econômica e social entre aqueles que tiveram e os que não tiveram acesso a um ensino regular e de qualidade durante a pandemia (Grabowski et al., 2020).

Durante o processo de ensino remoto no período de distanciamento social, quando não havia uma diretriz mais clara sobre como produzir o material e disponibilizá-lo na Internet, através das plataformas disponíveis, ficou a cargo dos professores a competência operacional dos processos tecnológicos, o que saturou esses profissionais em sua jornada de trabalho. Esse fenômeno aconteceu, porque o modelo de aulas remotas pensado durante a época do distanciamento social foi inicialmente projetado para atender a no máximo dois ou três meses e apresentou desgaste quando obrigado a se estender por todo o ano, o que levou a desmotivar mais da metade dos alunos da rede pública do País (Mizsne, 2020).

De fato, o Conselho Nacional de Educação (CNE) foi obrigado a aprovar em outubro de 2020 um parecer para unir os anos letivos de 2020 e 2021, em currículo adaptado, de modo a estender as permissões das aulas remotas. Mesmo as escolas particulares sofreram com a evasão de alunos, o que levou sindicatos de professores a entrar na Justiça para garantir a estabilidade profissional dos professores até 20 de dezembro de 2020 (Sinpro-SP, 2021). Nesse sentido, o resultado do trabalho docente derivou de acordo com a capacidade de cada profissional de se reinventar frente às dificuldades exigidas naquele momento (Silva; Abreu; Melo, 2022).

Esse fenômeno trouxe à tona a necessidade de se discutir as políticas educacionais e a formação do profissional da educação em tempos de desenvolvimento tecnológico, principalmente ante a percepção sobre a mudança de mentalidade e sobre os objetivos gerais e específicos da Educação. Outra preocupação que se dá em tempos tecnológicos, com a aproximação intensificada da criança com o computador em tempos de distanciamento social e de ensino remoto, é a qualidade autoral de seus projetos escolares, redações, resumos e pesquisas. Houve aumento da dependência das crianças pelo computador na produção acadêmica e na construção das relações sociais, o que invariavelmente causou impacto na forma

como as crianças desenvolvem seus trabalhos escolares e se relaciona com colegas e professores (Deslandes; Coutinho, 2021; Unesco, 2023).

O ser humano deseja a tecnologia por que ela favorece a evolução da espécie. A relação entre a constituição biológica e mecânica aumenta os sentidos e amplia as potencialidades (Harari, 2017). Assim, as ferramentas do universo computacional podem ser utilizadas para tratamento de texto, operações de análise e “análise dos dados obtidos” – incluindo “operações estatísticas sobre os resultados”. Nesse sentido, a análise do discurso com uso de computador pode ser realizada em conteúdo previamente produzido por um humano (Bardin, 2020). A experiência das aulas remotas em tempos pandêmicos mostrou que a Educação só pode ser realizada por pessoas que interagem e não pela substituição do docente por uma tecnologia reforçada pela inteligência artificial. Nesse sentido, salienta-se que as tecnologias são vendidas pelos mesmos indivíduos que preconizam sua necessidade no campo da Educação. Ou seja, a tecnologia é mais exigida do que transformadora (Grabowski, 2023).

É importante ressaltar que a Educação não pode ser marcada apenas pela informação, como acontecia há menos de um século – quando a informação era algo raro, – mas pela preocupação com a fonte da informação, com a forma como é dada essa informação e o interesse que ela gera. Mais que isso, é importante esclarecer como é que essa informação tornará o aluno autônomo e como é que esse aluno será capaz de sintetizar, organizar e se orientar com as informações que possui (Harari, 2018)

Essa ideia está em comum acordo com Freire (2018), que coloca em cheque a imposição de informações que não aderem a real necessidade do aluno dentro de seu ambiente comunitário, familiar e social. Antes, deve o aluno ser norteado em seu ambiente e em sua classe social, para que assim possa decidir, com a ajuda do professor, a forma que dará ao conteúdo que pesquisa no processo de ensino-aprendizagem.

O ensino remoto causou ainda outros tipos de transtornos. A casa dos alunos se transformou em sala de aula. Com isso, familiares perderam a individualidade e o espaço de descanso. Foi possível observar a dimensão caótica que a Educação ganhou quando se encontrou com a máxima abrangência das informações assistemáticas dentro de um mesmo espaço, sem oportunidade de filtros e de resistência (Laguna, 2021).

Na escola, o sujeito “desliga” seu contato com o ambiente externo e se predispõe a desenvolver determinada habilidade de acordo com as propostas de seu professor. Com o advento da educação remota em tempos de distanciamento social, o mesmo espaço de informações sistemáticas é partilhado por diversidades abissais de informações que confundem e impactam na produção da “consciência intencionada” da educação citada por Freire (2018).

As crianças foram ainda testadas a desempenhar um papel que não é delas – aprender sozinhas. Esse processo pode ter ajudado a amadurecer muitas delas, principalmente na tentativa de autorregulação e no esforço de evitar a distração e de se predispor em um universo mais individualizado no campo da aprendizagem. Há, ainda outras facetas positivas observadas no período de ensino remoto durante a pandemia: o período serviu como denuncia para a diferença social entre alunos da rede privada e pública, a necessidade de uma renovação da estrutura das escolas públicas e da melhor preparação dos professores para momentos de crise, além da importância de políticas públicas capazes de gerar respostas mais assertivas na área da educação, de modo que crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade possam manter seus estudos em dia em tempos de crise (Laguna, 2021).

3.2 IMPACTOS DO DISTANCIAMENTO SOCIAL NO DESENVOLVIMENTO GLOBAL DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL

A pandemia de corona vírus e seu necessário distanciamento social obrigaram as escolas a substituírem o modelo de aprendizado presencial pelo ensino virtual de 2020 e 2021. Crianças e adolescentes prescindiram, portanto, do relacionamento com colegas e professores, o que ocasionou prejuízos em seu desenvolvimento social, algo observado e relatado por professores ainda no período de distanciamento social e também no contexto de retorno às aulas presenciais em 2022 (Almeida et al., 2022; Delboni, 2021).

Neste parágrafo, destacam-se dois possíveis motivos para esse fenômeno: em primeiro lugar, o afastamento de um contexto comunitário diário, que segundo Freire (2014) é fundamental para a construção de uma educação assertiva (e não passageira) e, em segundo lugar, o aumento do uso de redes sociais e outras ferramentas online durante o período de distanciamento social, que estimularam a hiperconectividade e a espetacularização do eu (Deslandes; Coutinho, 2021; Han, 2022).

Freire (2014) reflete sobre a capacidade cognitiva das pessoas quando explica que no processo educacional existem apenas dois objetos de estudo: aquele que permanece ao nível do admirável e aquele que é admitido como admirado. Sobre o primeiro, é possível ter apenas opinião, mas não é possível agarrá-lo com as próprias mãos. Sobre o segundo, diz ser possível penetrá-lo e, ao ser parte do objeto, ser seu *ontos*. O Patrono da Educação Brasileira denunciou em vida que para a Educação não se tornar apenas um evento passageiro, precisaria que o professor (e a própria Escola) abrisse mão de seus abismos e de seus mitos para aproximar-se

do aluno e tocar-lhe o *ethos*. Essa proximidade seria capaz de gerar uma consciência crítica e criadora da realidade.

O distanciamento dos alunos em relação ao Outro, em relação à figura do professor e em relação à própria diversidade escolar pode ser um agravante para a construção de uma relação viva com os objetos que os sujeitos compartilham no espaço transferencial escolar, e que se torna fundamental para o desenvolvimento psicológico e social do aprendente. A relação entre indivíduos, determinante na formação de uma identidade escolar tornou-se ainda mais difícil de ser alcançada com o obrigatório distanciamento social vivenciado entre alunos e professores durante a pandemia de corona vírus nos anos 2020 e 2021 (Santos; Silva, 2021; Paula, 2022).

Todo grupo discente é identificado pelo espaço de atuação (a escola), pelo tempo em que vivem e pela atividade que pratica. Essas referências, juntamente com demais simbologias comuns ao grupo – influenciadas pelo pretense saber do professor e pela história e cultura oferecidas da instituição de ensino – formam um saber intuitivo, algo que pode unir os membros de um grupo e fundamentar um valor que é reconhecido como identidade, algo referencial para o desenvolvimento psicológico e social (Schaffel, 2013).

O saber de um grupo é expressado através de códigos simbólicos que comumente são transacionados e que legitimam e identificam os membros do grupo e suas relações. Esses códigos simbólicos são representações que se tornam sociais quando são feitas dentro da relação de um indivíduo com um Outro ante a determinado objeto de afeto – seja ele de implicações ideológicas, políticas, religiosas ou tradicionais (Moscovici, et al., 2013).

Durante o distanciamento social, crianças e adolescentes buscaram com mais frequência o relacionamento com pessoas e com o mundo através das redes sociais (Deslandes; Coutinho, 2021). A Internet, através de suas redes sociais, é um espaço de lógica inversa àquela observada nas comunidades escolares. Ao mesmo tempo que promete promover encontro entre grupos e pessoas diversas – e o faz dentro do que é esperado pelo espectro globalista, – é centrada apenas no indivíduo que a consome. Promove, portanto, a partir das ações algorítmicas, o espelhamento dos desejos e das necessidades pessoais do próprio sujeito, que é autor da ação (Han, 2022).

O fenômeno da alienação através dos meios de comunicação não é novo. É denunciado há décadas, desde o surgimento do espetáculo midiático apresentado pela TV e pelo rádio que expressa fragmentos de realidade e que busca, através de ações de *marketing* entender a lógica de funcionamento das pessoas e reordenar o pensamento das massas. Essa captação é realizada através de atrações midiáticas que possuem apenas o desejo de atrair a audiência para automatizar o consumo. Assim, a “consciência espectadora” se tornaria “prisioneira de um

universo achatado, limitado pela tela do espetáculo, para trás da qual sua própria vida é deportada (...) O espetáculo, em toda extensão é sua imagem do espelho” (Debord, 2007).

Harari (2018) e Han (2022) assentem que esse fenômeno não está isolado e é consequência do liberalismo. Para o primeiro, as concepções liberais sempre foram individualizadas e quase nunca sociais. Informa ainda que o fenômeno não é novo: na Antiguidade, as pessoas se submetiam à vontade de deuses e esses eram criados ou espelhados nos ideais da própria humanidade. Hoje, as pessoas legitimam ideias dentro das bolhas online criadas para satisfazer o desejo do próprio usuário.

A escola nesse sentido precisa, “minimizar habilidades técnicas” que pode ser realizada por máquinas e computadores ultramodernos para “ênfatizar habilidades para lidar com mudanças, aprender coisas novas e preservar seu equilíbrio mental em situações que não lhe são familiares” (Harari, 2018, p.323).

As escolas deveriam adaptar-se para apresentar a seus alunos um olhar crítico sobre os conteúdos que ela mesma lhes apresenta. Assim, esclarece que a escola do futuro – que é agora – deveria se dedicar à criticidade, à comunicação, à colaboração e à criatividade (Harari, 2018).

Ainda assim, há compreensão de que mesmo obsoleta sob diferentes pontos de vista, a escola ainda é o principal espaço de desenvolvimento social e político de crianças e adolescentes. O próprio Harari (2020) argumenta que durante o distanciamento social, crianças e adolescentes precisaram prescindir da sociabilização, o que acarretou danos significativos a seu desenvolvimento. Esse fato é compreensível já que o resultado de interpretações da vida cotidiana se apresenta, para um grupo social, como realidades dotadas de sentidos e assim, dentro de um grupo, é sempre possível “estar informado sobre o mundo a nossa volta (...) dominá-lo física ou intelectualmente, identificar e resolver problemas que se apresentam” (Jodelet, 2001 P. 17).

A virtualidade antecipada pelo distanciamento social, longe de oportunizar avanços no campo da Educação, empobreceu a diversidade, permitiu a diminuição da privacidade e a autonomia do saber. Para Han (2022), Marx tem razão quando explora a ideia de que a idolatria do objeto é uma forma de religião – pois quanto mais deposita neste deus, menos deposita em si mesmo. Assim, segundo o filósofo coreano, em alinhamento com o materialismo histórico marxista, o objeto não pertence ao trabalhador, mas a quem o oprime. Assim, cria-se uma relação de dominação: quanto mais o trabalhador investe no objeto, menos investe em si, mais investe naquele que o domina e o aliena.

Importante salientar que durante o período de distanciamento social, as crianças e os adolescentes não apenas vivenciaram a incerteza quando deixaram de viver a tradição de ir à

escola diariamente, como também experimentaram verdadeiro desafio em seu retorno às aulas presenciais quase dois anos depois. No retorno à vida presencial, houve auto cobrança de muitos alunos por manter o status conquistado no mundo virtual, baseado na valorização do eu e na espetacularização da intimidade, o que se chocou com a construção de um mundo regulado por situações factuais e baseadas no movimento coletivo (Deslandes; Coutinho, 2020).

A construção de mundo virtual individualizado, narcísico, espelhado em si, promovido por discursos internos e legitimados por algoritmos, conduziu o indivíduo à expectativa de obter prazer permanentemente. Nesse sentido, as relações são substituídas pelas conexões digitais. Fora do mundo virtual, há obrigação de práticas em grupo e de ingresso nas ações coletivas, ampliação do pensamento marcado por multiplicidades e pela correnteza de uma democracia que prevê o direito de uma maioria em detrimento do desejo individual. O desejo por autenticidade e por afastamento do outro (diferente do eu) leva o sujeito a uma produção compulsiva de si mesmo (Han, 2022). Ao longo do período de distanciamento social, muitas crianças e adolescentes focaram na construção de objetivos unilaterais e imediatos, categorizados em espécie de pensamento comum e imediatista que diverge em absoluto do que se é oferecido e oportunizado no ambiente e na cultura escolar (Deslandes; Coutinho, 2020).

3.3 RELAÇÃO ENTRE A PANDEMIA E TRANSTORNOS DE APRENDIZADO NO ENSINO FUNDAMENTAL

A inteligência é o assunto mais estudado atualmente em Psicologia. É medida sistematicamente através de testes individuais e coletivos que avaliam a qualidade da linguagem, o domínio do raciocínio, a capacidade de manter e utilizar memórias, de relacionar percepções e decidir (Primi, 2002).

A inteligência é fator fundamental para a conquista de uma positiva relação entre a necessidade e a satisfação. É um tipo de conhecimento que subsiste, mesmo quando há certa distância espaço-temporal entre o sujeito e os objetos com que ele lida. É decorrente das estruturas intelectuais em equilíbrio com o agrupamento operatório do sujeito, quando atua em conjunto com percepções, motricidades e com o raciocínio (Piaget, 2020).

Um fator que oportuniza a inteligência é o hábito. Ele fundamenta o conhecimento assimilado, constituindo-se em um exercício prático. É fator primordial, portanto, que direciona a prática ao movimento automático – movimento próprio da inteligência. Esse elemento fundante da inteligência delimita o espaço de ação em torno das ações resultantes, o que reprime o erro. É uma atividade assimiladora (Piaget, 2020).

Piaget (2020) esclarece que existe automatismo sem inteligência, que chamou de “automatismo inconsciente”, mas não é esse tipo de automatismo que interessa a este estudo. O interesse é pelo movimento assimilado e acomodado pelo hábito, de tal forma, que esconde o universo de complexidades nele contido e que o teórico da Psicologia Epistemológica chamou de “origens sensório-motoras da inteligência”.

O hábito de ir à escola e de atender a uma rotina escolar, é um elemento que organiza a realidade do aluno. Atende a pelo menos um terço da vida organizada da criança ou dois terços em caso de ensino integral. O modelo presencial e o compromisso acadêmico do aluno para com a escola, datado em horários previamente acordados, é um contrato essencial para a criação de um planejamento escolar – tanto do professor quanto do aluno, algo que consiste na previsão e na decisão sobre as ações de acordo com os objetivos que se pretende alcançar dentro do espaço onde o sujeito atua (Conceição et al., 2016).

Um hábito simples – ir à escola, – vivenciado há 150 anos, deu lugar a um novo modelo ainda pouco conhecido e pouco testado durante os tempos pandêmicos, o que gerou evasão escolar, ruídos na comunicação, ceticismo em relação aos objetivos a ser alcançado e desmotivação. Deixar de ir à escola e estudar sem a mediação presencial dos professores ocasionou transtornos em relação ao aprendizado, com impactos secundários de caráter biológico, econômico, social e psicológico em crianças e adolescentes (Vasquez et al., 2022).

As famílias que antes da pandemia possuíam uma rede de apoio externa – baseada na relação profissional, comunitária e escolar – precisou se autorregular durante o período de distanciamento social, com relações sociais externas circunscritas apenas às redes sociais. As famílias mais pobres não possuíam o espaço adequado para estudo, trabalho e lazer. Esse condicionamento trouxe transtornos às crianças, devido ao estresse e aos conflitos domésticos. (Santos; Silva, 2021).

Piaget (2020) deixa claro que toda criança possui fases de desenvolvimento fixadas e propícias, cada uma delas, para um tipo de aprendizagem. A falta de condução do Estado nesse momento de crise da educação brasileira, constitui-se em abandono de uma importante área econômica e social, mas também no abandono da responsabilidade do País com o desenvolvimento humano de jovens brasileiros e brasileiras. Esse fenômeno não é incomum no Brasil e pode ser visto também na área da saúde, onde 80% das crianças brasileiras com idade entre 6 e 12 anos com diagnóstico de transtornos mentais não recebem os devidos cuidados do Sistema Único de Saúde, o que tornou o ensino remoto ainda mais desafiador para muitos professores que possuem alunos especiais em suas salas de aula. Quanto mais desfavoráveis economicamente são as pessoas no Brasil, menor a chance de serem tratados (Vasquez et al, 2022).

O vírus tornou visível o que antes parecia invisível: a segregação entre ricos e pobres, a miséria e a falta de recursos básicos que, por Lei, deveriam ser fornecidos pelo Estado. A pandemia não redimiu as classes abastadas da nação brasileira, ao contrário, fez aumentar a diferença entre ricos e pobres. A busca por saúde e por bem-estar, dentro da dinâmica de mercado, se constituíram em uma demanda propícia a lucratividades. Sob a ótica neoliberal, o capital se reorganizou em torno das demandas sociais emergenciais e buscou o lucro: aqueles que deveriam zelar pelo poder público, se tornaram os primeiros a lucrar com os períodos de crise e com as iniquidades impostas aos menos favorecidos (Santos, 2020).

A partir dos fatos descritos acima, é importante refletir que existe um movimento político no Brasil que exclui as comunidades carentes. Em movimento perverso, – pois perverte a lógica – o poder do Capital aproveita-se do estado de vulnerabilidade e da falta de escolaridade dos grupos sociais marginalizados para culpá-los de sua própria exclusão. Assim sendo, o Estado Brasileiro abre mão da ética do cuidado exigida pela Constituição de 1988, como também encontrara no cerne dos grupos marginalizados o responsável pelo constante quadro de crise (Ansara; Dantas, 2010).

É quando a excepcionalidade se transforma em naturalidade responsável por todas as crises dela decorrentes. Assim, a sociedade pós-moderna viveria em estado de exceção da excepcionalidade (Santos, 2020).

Em fevereiro de 2022 após a fase mais crítica da pandemia, as escolas retomaram as aulas presenciais no Brasil. Neste período, é possível notar uma grande diferença no comportamento individual e coletivo dos alunos. Há histórias traumáticas a serem compartilhadas e ressignificadas. Há também uma falta de identidade e uma desconfiança em relação ao outro. As crianças e os adolescentes chegam aos espaços dialéticos cheios de informações, mas sem o verdadeiro conhecimento (Paula, 2022). Algumas apresentam estereótipos, fobias, obsessão e sensação de vulnerabilidade por conta do perigo de transmissão da doença. A máscara – utilizada para se defender do vírus – se transformou em um escudo social para algumas crianças. A maioria dos alunos precisa rever a matéria de anos anteriores; alguns parecem velhos demais para não saber algumas regras básicas de convivência, mas de fato não tiveram oportunidade de exercitá-las nos dois anos que viveram enfiados em suas casas na companhia de seus familiares (Silva et al., 2021).

Os programadores e entusiastas da ideia de tornar obrigatório o uso da tecnologia na educação continuam a demonstrar uma forte intenção de substituir as aulas presenciais por meio de aplicativos e interações no ambiente virtual. Essas ferramentas tecnológicas destinadas aos estudantes tendem a promover a memorização e a automação das informações, em detrimento

do desenvolvimento de habilidades avançadas. Isso significa que elas podem reduzir o valor educacional das aulas, deixando os alunos frustrados em relação aos seus objetivos acadêmicos. Ao mesmo tempo, há uma crescente preocupação em relação ao direcionamento de recursos educacionais para empresas de tecnologia, em detrimento de outras necessidades essenciais, como melhorias estruturais urgentes e a valorização dos profissionais da educação (Grabowski, 2023; Grabowski et al., 2020)

É nesse cenário que a historiadora Lilia Schwarcz (2021) dirá, em entrevista, que a pandemia de corona vírus marca o fim de um século XX tardio – que invadiu o século XXI com suas guerras, ideologias autoritárias, iniquidades e pandemias.

3.4 SENTIDO E SIGNIFICADO DO TRABALHO DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA

Setenta e um por cento (71%) dos alunos do ensino básico da rede pública afirmam respeitar ou admirar mais o trabalho de seus professores após o advento do ensino remoto evidenciado durante a fase de distanciamento social entre 2020 e 2021 (Itaú Social, 2021). Esse fenômeno ocorreu por conta da disposição dos professores em executar o trabalho docente, mesmo diante das limitações estruturais observadas durante o período. Essa disposição dos professores de ocupar seu lugar de direito como protagonistas das ações e dos projetos educacionais é um fato ignorado de forma sucessiva pelo poder público (Magalhães et al., 2021).

A crítica à escola e aos profissionais de Educação é um evento recorrente, marcado por dois fenômenos: o medo das famílias em desembaraçar-se de seus filhos e dá-los ao mundo e a força do mercado que constrói poderosos grupos empresariais que ditam a forma como a Educação deve proceder nos campos público e privado (Nóvoa; Alvim, 2021).

Nesse sentido, observa-se que mesmo antes da pandemia, a Educação e seus profissionais já sofriam detrações e críticas contínuas. Já era possível observar a falta de investimento na área da Educação, o sucateamento dos projetos educacionais – principalmente durante o Governo Bolsonaro (2018-2022) e a desvalorização dos professores (Grabowski et al., 2020).

O professor é constituído na figura central do fazer educacional e representa, por direito, a própria escola (Nóvoa, 2001). É o docente, portanto, que deve estabelecer formas diversas para a construção de uma estratégia do saber, mas esse ideal não é legitimado pelas políticas públicas na área da Educação. O professor ainda sofre com atrasos salariais, falta de recursos,

remuneração baixa e pouco acesso a treinamentos no Brasil. Ainda carrega a obrigação de lidar com questões que atravessam a Educação e dificultam o trabalho, como a falta de estrutura física das escolas e as dificuldades sociais dos alunos (Magalhães et al., 2022).

Em termos gerais, a aprendizagem é vista como uma atividade contínua que se constitui através da relação entre sistemas de saberes e códigos culturais do sujeito durante seu processo de amadurecimento social (Bossa, 2007). O professor se torna um elemento fundamental neste contexto. Afinal, aprendizagem não se dá apenas a partir do contato do sujeito com o conhecimento; é preciso haver um “experimentador psicológico”, que pode ser representado por uma situação ou, de forma deliberada – isto é, não espontânea – sempre através da ação do professor ou da professora (Piaget, 2009).

Todo grupo docente é identificado pelo espaço de atuação (a escola), pelo tempo em que vivem e pela atividade que pratica. Essas referências, juntamente com demais simbologias comuns ao grupo – baseadas na História e na Cultura – formam um saber intuitivo que une os membros do grupo (Schaffel, 2013). Esse saber é expressado através de códigos simbólicos que comumente são transacionados e que legitimam e identificam os membros do grupo e suas relações.

Esses códigos simbólicos são representações que se tornam sociais quando são feitas dentro da relação com o outro ante a determinado objeto. Nesse sentido, é importante avaliar quatro pontos distintos: a primeira é a importância do estudo sobre representação social para análise de uma real racionalidade sobre a “crença coletiva e suas significações” (Moscovici, 2015); a segunda, é saber que há uma conjunção coerente de signos coletivos que podem ser observados como representações sociais; o terceiro é uma avaliação de como o grupo social determina suas práxis e como isso influencia o indivíduo; a quarta é de interesse psicológico e sociológico e busca compreender se essas representações sociais são racionais para o grupo e se de fato poderiam ser racionais para a manutenção das práxis.

Toda representação social possui determinado teor que será a síntese entre as respectivas dimensões cognitiva, afetiva e social dentro do grupo e fora do grupo (relações internas e externas). Essa revelação é fundamental para entender a importância da relação do grupo com seus membros e com o espaço-tempo em que habitam/vivem. É importante esclarecer a relação entre trabalho e as configurações acerca do local e da época onde o grupo desenvolve suas representações sociais, formadas não apenas pela cognição, mas também pelos afetos causados por esse espaço-tempo e com esse labor (Moscovici, 2015);

O cerne representativo do trabalho docente é continuamente minado por interesses externos à Educação. É o caso do advento da tecnologia em estado compulsório, porém nem

sempre comprovadamente necessário, mas imposto por interesses econômicos. Nesse sentido, não apenas o aluno é estimulado a uma prática mecanicista e utilitarista que estimula mais a memória do que a acomodação do aprendizado, mas também formará novos professores em cursos rápidos com qualidade discutível e sem grandes aprofundamentos no campo teórico ou da pesquisa (Grabowski, 2023).

O trabalho é considerado o centro do processo identitário de um sujeito (Schaffel, 2013). Sendo assim, a conquista do trabalho – e, portanto, da identidade do sujeito – está intrinsecamente ligada dentro da realidade capitalista com a formação escolar; logo, está ligada diretamente com a ação docente, já que a educação produz o comum, pois valoriza as diferenças e dá ao sujeito a sensação de pertencimento (Nóvoa; Alvim, 2022).

A prática profissional docente não resulta apenas de uma prática aprendida na faculdade de pedagogia, mas também de outros três grupos de disciplinas distintas: de raiz psicológica, de raiz social e de raiz metodológica (Nóvoa; Alvim, 2022). Esse discurso legitima a necessidade de um protagonismo dos profissionais docentes em tempos de pandemia, quando, a sociedade adoce e precisa lidar com mudanças de hábitos. Os professores são pesquisadores, e por isso também são os primeiros a compreenderem as mudanças, nomeá-las para depois transmiti-las para seus alunos em espaços transferenciais que são constituídos de responsabilidade, afeto e austeridade. Afora a questão do cenário, os professores talvez sejam os mais preparados para entender esse novo alunado que chega às escolas hiperconectados e autorreferenciado (Deslandes; Coutinho, 2020).

A educação se configura em um “espaço público” (Nóvoa, 2001), cuja missão se faz representar nas ações individuais e coletivas. Por haver forte laço entre escola, famílias e alunos, a educação e à docência – incluindo-se todas as representações e conjunturas que possuem – se tornam objetos de estudo de grande utilidade, pois causam impacto na formação, na identidade e na forma como as pessoas convivem entre si, com o trabalho e com a natureza. O mesmo se diz daqueles que vivem a prática diária da Educação e as relações que possuem – íntimas e inconscientes – com seus objetos de afeto, principalmente o trabalho que executam. O debate sobre a escola e os professores se faz necessário, porque há intensos apelos que visam delimitar os espaços inicialmente destinados à Educação, com propósito de torná-lo personalizado e doméstico, o que descaracterizaria a educação – e a própria escola e sua missão – como um espaço público.

A pandemia do Corona Vírus, iniciada em 2020, mostrou que os professores são capazes de responder sobre pressão às necessidades e emergências demandadas pela Educação, até mais do que as próprias instituições e governos. Sendo assim, é imperioso que os professores possam

trabalhar com um mínimo de estrutura, de flexibilidade e de autonomia. Nesse processo, a relação com as famílias e com os alunos se tornaram fundamentais para que o trabalho dos docentes logre o sucesso esperado e que, para tanto, torna-se necessário o trabalho em grupo, com propósito e assertividades técnicas (Nóvoa; Alvim, 2022).

4 CONCLUSÃO

Diante do exposto, ficou evidente que a pandemia e o consequente distanciamento social provocaram uma transformação sem precedentes na educação, levando-a a um terreno desconhecido e desafiador. A transição abrupta para o ensino remoto evidenciou não apenas as fragilidades do sistema educacional, mas também a profunda desigualdade social que permeia o acesso à educação de qualidade. Expôs as vulnerabilidades do sistema educacional em tempos de crise, além de oferecer oportunidade para repensar e reformular a forma como a Educação é concebida e praticada. Também demonstrou a importância da escola, principalmente no cenário capitalista marcado por diversas formas de crises, principalmente entre classes sociais. O retorno às aulas presenciais trouxe novos desafios, como a readaptação escolar e a ressignificação de experiências traumáticas. A crescente dependência da tecnologia na educação levanta preocupações sobre a qualidade do ensino e o desenvolvimento de habilidades dos alunos. O trabalho docente durante a pandemia evidenciou a resiliência dos professores, que enfrentaram desde a falta de infraestrutura até a necessidade de adaptação tecnológica. A valorização do papel docente e a compreensão de sua importância social são essenciais.

O distanciamento social tornou evidente que a escola é um terreno que amplifica as características da sociedade e suas iniquidades, de modo que expõe diversos desafios sociais que podem ser enfrentados através do fortalecimento da autoridade do professor, aumento das políticas públicas de cunho social e aumento da comunicação entre as pastas da Educação, da Saúde e da Assistência Social dentro dos municípios. O distanciamento social escancarou as diferenças sociais entre os estudantes e potencializou transtornos de aprendizagens e dificuldades de acesso ao aprendizado, seja por conta de deficiências, transtornos do desenvolvimento, ou por conta da falta de recursos tecnológicos necessários para a manutenção do contato com a escola. Nesse sentido, vale ressaltar que o distanciamento social, apesar de necessário em tempos pandêmicos, contribuiu para a evasão escolar e para a desmotivação dos estudantes e forte sensação de abandono. Na ocasião do retorno às aulas presenciais, em 2022, a escola se transformou em um local ideal para análise comportamental dos estudantes, marcados por situações trágicas, traumas e perdas que geraram transtornos psicológicos,

transtornos de aprendizado, déficits cognitivos, inibições sociais e espetacularização do eu devido ao forte apego aos aparelhos celulares e ao universo virtual.

Diante desse cenário, é urgente a reflexão sobre os rumos da educação, importância do treinamento dos docentes para situações de crise, desenvolvimento de treinamentos para docentes e estudantes, principalmente no que tange às suas habilidades relacionais, cognitivas, emocionais e sociais, a fim de construir um futuro mais inclusivo, equitativo e resiliente com toda a comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, I. L. de L., *et al.* Isolamento social e seu impacto no desenvolvimento de crianças e adolescentes: uma revisão sistemática. **Revista Paulista de Pediatria**. 2022;40. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2022/40/2020385>. Acesso em: 20 nov. 2022;
- ANSARA, S.; DANTAS, B. S. A do A. Intervenções Psicossociais na Comunidade: desafios e práticas. São Paulo. **Psicologia & Sociedade**; 22 (1): 95-103, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000100012>. Acesso em: 20 out. 2022;
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edições 70. São Paulo. 1º edição. 2016;
- BOSSA, N. A. **A Psicopedagogia no Brasil**. Contribuições a partir da prática. 3ª. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2007;
- CONCEIÇÃO, J. S., *et al.* **A importância do planejamento no contexto escolar**. Faculdade São Luís de França. 2016. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/A-IMPORTANCIA-DO-PLANEJAMENTO.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2023;
- CRESPO, C. D.; BORGES, G. M. Aspectos demográficos e socioeconômicos dos adultos brasileiros e a COVID-19: uma análise dos grupos de risco a partir da Pesquisa Nacional de Saúde, 2013. Rio de Janeiro. **Caderno de Saúde Pública**, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00141020>. Acesso em: 06 out. 2022;
- DELBONI, C. **Uso Excessivo de telas na pandemia provoca danos à saúde mental em crianças e adolescentes**. Notícia, Estadão em 29/11/2021. São Paulo;
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2007;
- DESLANDES, S. F.; COUTINHO, T. O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinflingidas. **Ciência & Saúde Coletiva**. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.11472020>. Acesso em: 20 nov. 2022;
- DURKHEIM, É. **Educação e Sociologia**. 5ª ed. Editora Vozes, 2014;
- FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981;
- FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979;
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996;
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2018;
- FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Paz e Terra, 2014;
- FRIGOTTO, G. **O Trabalho do docente na pandemia de coronavírus**. Organizadores MAGALHÃES, Jonas E. P., *et al.* Trabalho docente sob fogo cruzado. Rio de Janeiro: UERJ, 2021;

- GRABOWSKI, G. **UNESCO alerta sobre uso excessivo das tecnologias educacionais.** Jornal Extra Classe, 04/08/2023;
- GRABOWSKI, G, et al. **Desmonte da Educação Pública:** políticas educacionais, ensino médio, pandemia e EAD. Porto Alegre: Carta Editora, 2020;
- HAN, B. **A expulsão do outro:** sociedade, percepção e comunicação hoje. Porto Alegre: Vozes, 2022;
- HARARI, Y N. **Homo Deus:** Uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2017;
- HARARI, Y. N. **Lições para o Século XXI.** 1ª edição. São Paulo. Editora 120 Companhia das Letras, 2018;
- HARARI, Y. N. **Notas sobre a pandemia:** e breves lições para o mundo pós coronavírus. Artigos e entrevistas. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2020;
- ITAÚ SOCIAL. **Educação não presencial na perspectiva dos estudantes e suas famílias –** Onda 6. 2021;
- JODELET, D. **As representações sociais.** Rio de Janeiro: Eduerj; 1ª ed. 2001;
- LAGUNA, T. F. dos S, et al. Educação remota: desafios de pais ensinantes na pandemia. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9304202100S200004>. Acesso em: 20 nov. 2022;
- MAGALHAES, J. E. P., et al. **Trabalho docente sob fogo cruzado.** Rio de Janeiro: UERJ, 2021;
- MAGALHÃES, L. C., et al. Coleta on-line de dados em pesquisa qualitativa sobre Educação Permanente em Saúde no Brasil: um estudo metodológico. **Revista Cubana de Información en Ciencias de la Salud**, v. 33, 2022. Disponível em: <https://acimed.sld.cu/index.php/acimed/article/view/1835>. Acesso em: 15 nov. 2022;
- MIZNE, D. **Percentual de alunos desmotivados em estudar na pandemia chega a 54% em setembro**, diz pesquisa. Elida Oliveira. São Paulo. G1, 09/11/2020
- MOSCOVICI, S, et al. **Textos em representações sociais.** Editora Vozes, 12º ed. 2013;
- MOSCOVICI, S. **Representações Sociais:** investigações em Psicologia Social. Editora Vozes, 11º ed. 2015.
- NERI, M. **Simpósio de Pesquisa Aplicada da FGV 2022.** “O impacto do COVID 19 na Educação”. São Paulo: Destaque site Fundação Getúlio Vargas em 24/08/2022;
- NEVES, L. M. W.. **Educação e política no Brasil de hoje.** São Paulo: Editora Cortez, 2005;
- NÓVOA, A.; ALVIM, Y. C. Os professores depois da pandemia. **Educação & Sociedade [online]**. 2021, v. 42. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.249236>. Acesso em: 17 out. 2022

NÓVOA, A. “**Professor se forma na escola**”. Formação, Publicado em Nova Escola. Edição 142, 01 de maio de 2001;

PAULA, L. H. de. O impacto do retorno às aulas em docentes, alunos e famílias durante o período de pandemia. **Revista Contemporânea**, v. 2, n. 1, p. 314–330, 2022. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/85/55>. Acesso em: 30 nov. 2022;

PIAGET, J. **A Psicologia da inteligência**. Petrópolis: Vozes, 2020;

PRIMI, R. **Inteligência fluida**: definição fatorial, cognitiva e neuropsicológica. Paidéia (Ribeirão Preto) [online]. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2002000200005>. Acesso em: 22 nov. 2022;

SANTOS, A D. dos; SILVA, J. K. da. O impacto do isolamento social no desenvolvimento cognitivo e comportamental infantil. **Research, Society andDevelopment**, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18218>. Acesso em: 29 nov. 2022;

SANTOS, B. de S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020;

SCHAFFEL, S. L. **A Identidade profissional em questão**. Livro: Reinventar a Escola. Maria Vera. Petrópolis: Vozes, 2013;

SCHWARCZ, L. O século XX só termina com a pandemia da Covid-19. Nota publicada em 12/02/2021. **Revista Torta**. Disponível em: <https://medium.com/revistatorta/o-s%C3%A9culo-xx-s%C3%B3-termina-com-a-pandemia-da-covid-19-495d94be94a4>;

SILVA, A. F. da; ABREU, C. B. de; MELO, L. dos S. de. Ensino Remoto Emergencial: Percepções de Professores da Educação Infantil em Palmas (TO). **Revista Docência e Ciberultura**, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/redoc.2022.66188>. Acesso em: 30 nov. 2022;

SILVA, W. C. da; et al. Explorando os impactos na saúde mental de crianças durante a pandemia de COVID-19. **International Journal of Development Research**, 2021. Disponível em: https://www.journalijdr.com/sites/default/files/issue-pdf/21683_0.pdf. Acesso em: 12 out. 2022;

SINPRO SP. 2021. **A demissão sem justa causa no final do ano letivo de 2021**. Notícia citada em 03/12/2021. Disponível em: <https://www.sinprosp.org.br/noticias/4615>;

SOUSA, A. P. de; MAGALHÃES, V. de O. Representações sociais da docência no Ensino Fundamental II: percepção do professor e identidade docente. **Revista Docência e Ciberultura**. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/redoc.2021.55113>. Acesso em: 08 out. 2022;

VAZQUES, D. A. et al. Vida sem escola e saúde mental dos estudantes de escolas públicas na pandemia de COVID-19. **Saúde em Debate [online]**. 2022, v. 46, n. 133, pg. 304-317. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104202213304>. Acesso em 29 de novembro de 2022;